



REVISTA INTER-LEGERE: PENSAMENTOS E IDÉIAS

UMA LEITURA DE “2001: UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO”



ANAXSUELL FERNANDO DA SILVA

Doutorando da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: anaxsfernando@yahoo.com.br

E o grande meio-dia será quando o homem se achar na metade de sua trajetória entre o animal e o super-homem e festejar seu caminho para a noite como a sua mais alta esperança.

Friedrich Nietzsche

INTRODUÇÃO

No ímpeto de fornecer pistas para caracterizar um clássico, Ítalo Calvino afirma que são dignos dessa insígnia livros que exercem uma influência particular na medida em que este se impõe como inesquecível, assim como, quando se ocultam nas dobras da memória, “mimetizando-se no inconsciente coletivo ou individual” (Calvino, 1993, p. 11). Não tenho dúvidas que tais atributos servem como parâmetros avaliativos para outras produções humanas, de modo específico, para o cinema.

Da água disputada pelos macacos à morte aperfeiçoada, **2001: Uma Odisséia no Espaço**, pode ser considerado um clássico da filmografia mundial por ser um dos mais influentes filmes do século XX, e por continuar a nos interpelar e desafiar sobre as mais variadas questões do nosso tempo. Stanley Kubrick, seguidas vezes, definiu o filme como “uma experiência não-verbal [...] que fosse além de categorizações verbalizadas e penetrasse diretamente o subconsciente com um conteúdo emocional e filosófico”. Ele conseguiu.

A obra **2001: Uma Odisséia no Espaço** é considerada a mais elaborada experiência audiovisual de um dos mais brilhantes cineastas dos séculos XX e XXI. O filme vai além da dimensão meramente narrativa, transcende-a pela sua ambigüidade essencial. A rigor **2001** desenvolveu um apelo sensorial mais próprio da produção da era muda. Menos de 1/3 do filme apresenta diálogos, o restante não é silêncio. Kubrick faz suas imagens interagirem com uma riquíssima trilha de ruídos e uma precisa escolha de repertórios clássicos. Cada seqüência encanta por si própria, além do sentido imediato que acrescenta à progressão do enredo.

O FILME

2001: Uma Odisséia no Espaço estreou nos Estados Unidos da América (EUA) na primeira semana de abril de 1968. Foi recebido com estranheza pelos críticos das principais revistas especializadas. Resenhas negativas seguiram-se, e tinham em comum a leitura do filme como superficial, pretensioso e sem humor. Em geral, comparavam-no desfavoravelmente com **Doutor Fantástico** (1964). No Brasil, estreou três meses depois.

2001 conquistou a crítica e o público aos poucos. O primeiro mês em cartaz foi um sucesso apenas relativo. Entretanto, algumas salas americanas exibiram-no ininterruptamente por quatro anos. Só nos anos 1970 ocorreram cinco relançamentos nos EUA. Segundo o *site* especializado *Internet Movie Database*, para um custo total de US\$10,5 milhões, **2001** já arrecadou US\$ 190 milhões no mundo inteiro, sendo US\$ 56,7 milhões apenas no mercado americano.

2001: Uma Odisséia no Espaço foi indicado em apenas quatro categorias do **Oscar** de 1968: melhor diretor, roteiro, direção de arte e efeitos especiais, vencendo apenas este último.

Tentar resumi-lo numa tradução verbal é uma forma de traição. Nem mesmo o romance, desenvolvido em parceria e simultaneamente por Artur C. Clarke espelha com precisão o filme de Kubrick.

O filme, de 139 minutos, estrutura-se em quatro partes:

1ª Parte: **A aurora do homem**. Durante 15 minutos acompanha-se o cotidiano de um grupo de macacos. Tem como marca a trilha **Assim falou Zaratustra**, de Richard Strauss (1864-1949). Termina quando um osso sobe e é transformado em nave espacial. À moda einsteniana, num salto quântico de milhões de anos de evolução.

2ª Parte: **2001 – Na Lua**. Sem créditos de passagem ela inicia-se. O avião *Orion* dança no *cosmos* ao som da valsa **Danúbio Azul**, de Johann Strauss Filho (1825-99). Nesta parte ocorre o primeiro diálogo do filme, 20 minutos após o seu início. Ao posarem para uma foto, Dr. Floyd e cinco outros pesquisadores escutam um forte ruído agudo, oriundo do monolito.

3ª Parte: **Missão Júpiter: 18 meses depois**. Inicia-se com pouco menos de uma hora de filme. Relata e problematiza a relação entre os seis tripulantes da espaçonave **Discovery 1**; entre eles, o supercomputador HAL 9000 no controle geral. Esta parte conclui-se com Bowman desligando o computador, que se despede entoando **Daisy**, em voz cada vez mais fraca e distorcida. Uma mensagem pré-gravada ocupa os monitores, explicando o motivo da missão. Os sinais sonoros de **Clavius** dirigiam-se a Júpiter.

4ª Parte: **Júpiter e além do infinito**. Transcorre durante os 25 minutos finais. Bowman avança rumo ao seu destino. Monolito no espaço. A nave atravessa um portal cósmico.

Bowman vê a si mesmo alimentando-se numa mesa e posteriormente na cama à beira da morte. Uma esfera no teto, dentro, um feto humano. O feto é um planeta. O super-homem.

TRÊS CHAVES INTERPRETATIVAS

Excetuadas as aparições dos monolitos e a última seqüência a partir do Portal Estrelar, o filme não exige maiores esforços interpretativos. Sua narrativa é essencialmente linear, apresentando uma única grande elipse temporal, dos macacos à viagem de Lloyd no *Orion*. Não existem inserções narrativas com saltos para trás ou para frente, nem sequer existem tramas paralelas. O eixo dramático é único, claro e constante.

As três chaves de leitura mais comuns, e complementares, remetem à **A Odisséia de Homero** (800 a.C), à teoria mitológica de Joseph Campbell (1904-1987) e à filosofia de Nietzsche (1844-1900).

O próprio título assume e destaca o paralelo com o poema épico grego **A Odisséia**. Kubrick chegou a afirmar que, para os gregos, as vastas extensões do mar eram tão misteriosas e remotas quanto são para nós os planetas onde lançamos nossos olhares. A saga de Bowman pode ser comparada com a de Ulisses que se atira ao espaço atendendo ao chamado de sereias extraterrestres. Fecha o círculo voltando para a casa, com uma transformação ainda mais radical que a de Ulisses.

Logo esse **2001** reencena **A Odisséia** a partir de uma releitura inspirada no antropólogo e estudioso de mitos e religiões mundiais, Joseph Campbell. Diários de Clarke afirmam que Kubrick pediu para que ele lesse o **Herói das mil faces**. A saga de Bowman e seu retorno à terra pode ser pensada, respeitando a estrutura tradicionalmente circular, a partir do que disse Campbell:

Não precisamos correr sozinhos os riscos da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas que seguir a trilha do herói e lá, onde temíamos encontrar algo abominável encontraremos um deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo. (CAMPBELL *apud* LABAK, 2000, p. 17)

As possibilidades de diálogo de **2001** vão além de Homero e Campbell. Trabalhando com o arco formado entre “a aurora do homem” e “depois do infinito”, é a evolução humana tema essencial de Kubrick e Clarke. No início do filme, Terra e Sol dançam no espaço ao ritmo da introdução ao **Assim falou Zaratustra** de Strauss. Tradução musical de um dos textos filosóficos de Nietzsche. E por isso, a epígrafe, faz todo sentido.

Tanto **2001**, como **Assim falou Zaratustra** dividem a história da humanidade em três grandes fases: a do homem-macaco, a do homem propriamente dito e a do super-homem (ou além-homem, como preferem os interpretadores de Nietzsche). O Próprio Kubrick, sem citar o filósofo, batizou a “criança-estrela” da conclusão do filme de super-homem.

Se de um lado temos a dimensão mitológica, e Campbell coopera nesta nossa compreensão, Nietzsche nos é especialmente válido em cooperar com a compreensão da dramatização do filme. Ele afirma:

Que é o macaco para o homem? Um motivo de riso ou de dolorosa vergonha. E justamente isso é o que o homem deve ser para o super-homem: um motivo de riso ou de dolorosa vergonha. [...] O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo. É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de temer e parar. O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma transição e um acaso. (NIETZSCHE, 1988, p. 31).

O filme partilha ainda com Zaratustra a crítica ao homem massificado e despersonalizado, aquele que sintomaticamente Nietzsche denomina de “o último homem” e que Kubrick lança solitariamente no espaço depois do embate com HAL. Não é à toa que um computador se tornou o personagem mais marcante de todo o filme.

O filme **2001** torna tudo mais complexo. A inteligência extra-humana continua a assumir diversas formas, anteriores e posteriores à humana. Contudo, a natureza ainda se impõe à ciência. O monolito acelera mas não determina a evolução do macaco ao homem. HAL rebelou-se por impulso próprio, como o monstro do Dr. Frankenstein, que dessa vez sabe recuperar o domínio sobre sua criação. Na conclusão, eis o monolito de volta, artefato alienígena, por certo, mas também símbolo de outra radical evolução humana – positiva ou negativa? Esta ainda é uma questão em aberto.

Assim, como uma obra clássica, **2001**, uma odisséia no espaço nos convida para o contraditório. Trata-se de um filme simultaneamente prazeroso e doloroso. Um profundo exercício de auto-descoberta. Pela lente de Kubrick encontramos outras produções de sentido, outras fontes de significação social. Se, como afirma Calvino, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 1993, p. 11) essa inesgotável fonte de significação está em todos os minutos desse clássico da filmografia mundial.

REFERÊNCIAS

2001: Uma odisséia no espaço. (2001: *A Space Odyssey*) Direção: Stanley Kubrick
EUA, 1968. 148 min. *Color*.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos.** 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOMERO. **Odisséia.** São Paulo: Cultrix, 2004.

Internet Movie Database. Disponível em: <www.imdb.com> acesso em 25/11/2007.

LABAK, Amir. **2001:Uma odisséia no espaço.** São Paulo: Publifolha, 2000.

STRAUSS, Richard. **Assim falou Zaratustra.** Filarmônica de Berlim. Alemanha: *Deutsche Grammophon*, 1896.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra:** Um livro para todos e para ninguém, São Paulo: Círculo do Livro S. A.,1988.